



LINDOLF BELL E A CATEQUESE POÉTICA LINDOLF BELL AND THE POETIC CATECHESIS

Rosana Salete Piccininn ¹

RESUMO: O presente trabalho contempla uma leitura da catequese poética do escritor Lindolf Bell. O propósito deste estudo é investigar porque a poesia do escritor foi denominada catequese poética, bem como falar do poeta, sua arte e sua época, tanto pela linguagem quanto pela excepcional oralização de seus textos.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; catequese; linguagem.

ABSTRACT: The present work contemplates a reading of writer's Lindolf Bell poetic catechesis. The purpose of this study is to investigate because the writer's poetry was denominated poetic catechesis, as well as to speak of the poet, your art and your time, so much for the language as for exceptional speech of your texts.

KEY-WORDS: poetry; catechesis; language.

INTRODUÇÃO

Lindolf Bell em *O Código das Águas* diz no primeiro poema “Procuro a palavra palavra./ Esta que me antecede /e se antecede na aurora/ e na origem do homem/”, (1984, p. 17). Essa investigação da palavra original – dessa palavra que antecederia a existência humana, porque a funda e recria – acompanhou o filho de lavradores nascido em Timbó, no Vale do Itajaí-açu, desde que, ainda criança ouvia o pai tocar melodias ancestrais no bandoneón² e via a mãe recitar longos trechos da Bíblia em alemão. Essa vivência da oralização do texto bíblico marcou, no futuro, o talento do poeta Bell para comunicar a poesia para além do papel impresso, alcançando a multidão.

Nesta perspectiva, Bell ao conceder uma entrevista à Fundação Cultural Catarinense disse:

¹ Aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado em Letras *Stricto Sensu* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: piccininn@bol.com.br

² O bandoneón é um instrumento musical de palhetas livres, semelhante a uma concertina, utilizado principalmente na Argentina, onde é o principal instrumento da orquestra de tango.



[...] quando meu pai tocava, nos finais de tarde, o seu bandoneón, e exercia nisso a sua solidão e o seu sentimento, como uma forma de estar em contato consigo mesmo, esta é uma imagem que ficou em mim, é um som que ficou em mim. Como ficaram em mim os poemas que minha mãe, filha de russos brancos, dizia nas festas de aniversário, nas noites de Natal, nos dias de Páscoa, nos casamentos. Eram poemas que ela aprendeu com os pais. E isso é uma imagem para mim também, a imagem de alguém que não era só a minha mãe, era também uma guerreira, uma guerreira lírica, uma doce guerreira que tinha a coragem de se levantar e dizer poemas. (1990, p. 01)

Assim da sua casa da infância – agora o Museu Casa do Poeta Lindolf Bell –, o escritor partiu para o Rio de Janeiro em 1958, quando serviu na Polícia do Exército da então capital federal. Neste mesmo ano, descobriu sua vocação de intérprete ao declamar um poema no Juramento à Bandeira, para surpresa e fascínio da caserna.

Em seus poemas o poeta utilizava-se do vocabulário das coisas mais cotidianas, como o portão da casa, o pomar, a carroça, o pão caseiro, o rancho, a horta, o amor e a esperança. A atitude poética do autor está permeada de ritos de recordação e laços que revelam raízes e origens sociais:

O homem é uma árvore que abriga amores, lembranças, outros seres, uma árvore que dá sombra e luz, e é pra isso que a gente nasceu, fundamentalmente. Isso eu aprendi, é claro, convivendo com meus pais e também com os vizinhos, que tinham maneiras semelhantes de viver e conviver, maneiras simples, mas definitivas. (FCC, 1990, p.02)

Os relatos de Bell, e mais especificamente, suas poesias estão repletas de significados de memória. Revelam não só a interpretação de fatos ocorridos no passado como também abrem caminhos para que possamos entender a época em que viveu, e como se davam as relações familiares de seu tempo.

Além dos laços afetivos, o catarinense conquistou o coração de multidões de anônimos pelas ruas. Estudantes sedentos de cultura e denúncia puderam vibrar com as apresentações do poeta, que liderou um movimento inédito, denominado de Catequese Poética, cujo principal objetivo era levar a poesia por meio do próprio autor para o povo. Essa foi a origem da Catequese Poética³.

³ A Catequese Poética é um manifesto artístico, que promove a cultura e dá acesso aos bens artísticos e culturais a todas as classes sociais, em espaços públicos, permitindo às pessoas o acesso à poesia, à arte.



O auge da convocação de Bell à Catequese Poética foi na década de 60, em São Paulo. Junto com o poeta Rubens Jardim, formou um grupo de jovens idealistas. “Eles foram às ruas levar a poesia ao povo, convocá-lo. Antes deles, a arte estava restrita à chamada elite intelectual”. (TONCSAK, 1978, p. 46)

Como o poeta declarou no “Poema do Mandarilho” – “menor que meu sonho/ não posso ser” – nesta época, 1962, Lindolf Bell estava em São Paulo, onde conheceu Lygia Fagundes Telles e Cecília Meirelles e o seu primeiro editor, Massao Ohno. “*Os póstumos e as profecias*” é o seu primeiro volume de poemas, lançado no mesmo ano, e logo na primeira parte – Os póstumos – reverencia João da Cruz e Souza, o poeta também catarinense considerado o máximo do Simbolismo em Língua Portuguesa. Nesta época Bell cursava dramaturgia na Escola de Arte Dramática e, em 1963, recebeu como revelação literária, o prêmio Governador do estado de São Paulo.

No dizer do escritor catarinense Dennis Radünz (1994), em 1964, ano do golpe militar, Lindolf Bell ganhou projeção nacional ao declamar poemas no Viaduto do Chá e em praças, boates, escolas e fábricas de São Paulo e do Rio, no movimento que passou a ser denominado Catequese Poética e que incluiu, entre outros, os poetas Rubens Jardim, Iracy Gentilli, Luiz Carlos Mattos e Érico Max Muller.

Nenhum texto, no entanto, inventariava tanto aquela época terrífica do Brasil sob o regime militar como o monólogo “O poema das crianças traídas”, quando o poeta Bell diz:

Eu vim da geração das crianças traídas./Eu vim de um montão de coisas destroçadas./Eu tentei unir células e nervos mas o rebanho morreu./ (...) Eu ostentei minha loucura erudita./Eu mantereí meu ódio a todos os cetros, cifras, tiranos e exércitos/ (...) Mas eu farei exceções a todos aqueles que souberem amar. (Antologia da Catequese Poética –1968, p. 35).

Na acepção de Radünz, 1964 foi um ano histórico para a Literatura Catarinense, pois a figura do poeta sulino de feições européias ilustrou inúmeras revistas que apontavam Bell como um renovador da expressão poética, não tanto pela linguagem, mas pela excepcional oralização de seus textos.



A CATEQUESE POÉTICA – DENÚNCIA PARTICIPANTE

Nos anos 60, a poesia brasileira estava se vestindo com grafismos e possibilidades visuais, mas a idéia básica do poema para Bell sempre permaneceu:

por mais gráfico que o poema seja e ainda que ele seja totalmente gráfico e ainda que você só o leia com os olhos, o som no poema é essencial. Mesmo quando você o lê em silêncio, há nele um som que só você percebe na sua leitura silenciosa. (FCC, 1990. p.24)

Muitos anos depois o poeta timboense passou a se valer deste procedimento na Catequese Poética. Os poemas ditos por sua mãe, conforme observação anterior, eram uma imagem sonora, eles passaram esse profundo arraigamento, essa profunda necessidade de preservar uma idéia de oralidade dentro do poema.

Lindolf Bell expandiu vigorosamente os contornos da poesia, da arte brasileira, iniciando o movimento da Catequese Poética em maio de 1964. Dizia o poeta em seu livro de poemas “*Convocação*”: “[...] e o poeta vai à praça/ levando um povo pelas mãos/ e no coração grande vontade de amar”. (BELL, 1965, p.18).

A Catequese Poética nasceu no momento crítico e fragilizado de 1964, quando a liberdade de expressão sofria restrições. Desta forma, a poesia cresce como um movimento não de demolição ou revolta como foram vistos Os Movimentos das Vanguardas Artísticas Européias, mas como um movimento de denúncia e de conscientização.

Nesta época, a poesia torna-se desejo de denúncia participante em relação ao homem e seus direitos como pessoa humana. Ela conquistou as ruas, praças, estádios, boates, escolas e fábricas. Bell defendia, por meio de seus poemas, a garantia da prática e da reflexão sobre a arte e a cultura como expressão do direito fundamental do homem em busca da própria felicidade. De acordo com Bell, em seu livro *Convocação*,

ir às praças e às ruas para que o canto da poesia sobreviva, é preciso rejeitar a rendição, lutar por novos amanhã, onde a ternura e o amor não se submeteram [...] O único compromisso do poeta é sua geração e o canto não conformista da vida. (BELL, 1965, p. 19)



Em uma entrevista concedida à Fundação Cultural Catarinense para a série Escritores Catarinenses, Bell é questionado: De que modo acontece normalmente o poema? O poeta diz que

Acontece de vários modos. Fazer poemas é ter a capacidade de mostrar as muitas faces da alma. Eu acredito profundamente que o sentimento do mundo pode ser um estado permanente e é por essa razão que estou fazendo poemas o tempo todo. Eles acontecem em qualquer espaço e em qualquer momento. Posso estar aqui no sítio, como estamos agora ou trabalhando numa exposição de arte, ou viajando de avião ou de automóvel. Penso que o que provoca a necessidade de fazer o poema é o repentino contato com um horizonte invisível da alma do mundo. Quando a alma do mundo e a alma do criador encontram um momento de sintonia a necessidade de fazer o poema acontece. (BELL, 1990)

Rubens Jardim, amigo de Bell e grande escritor da Catequese Poética, diz que diante de um poeta é difícil controlar a vontade de saber como se dá o nascimento da poesia. E questiona: “Que mecanismos da mente ou da alma ativam o processo da criação?” A se referir à poesia, de forma geral, Rubens Jardim tece a seguinte opinião:

A poesia brota, ela surge. Eu acho muito maluco, mas pelo que já vi em geral, mesmo quem escreve um dodecassílabo passa pelo fenômeno. Não existe isso de “eu vou escrever tal coisa”. [...] (FRANCINE, 2005, p. 83)

Nesse sentido, o poeta Jardim, salienta que há certo ruído estranho no ato de criação, que o mesmo é um ato de transgressão, é a desconformidade com algo. Enfatiza que escrever é se entregar a um ato de nascimento, pois todo nascimento é afirmação da vida. De algo que nós podemos ser portadores, mas nos escapa, nos ultrapassa.

Nas palavras de Octavio Paz, a poesia é “tempo revelado”, ou seja, “enigmática transparência” (1991, p. 98). Já o poema é um “ser social”. O autor observa que toda sociedade tem sua “imagem do mundo”, que se insere na “estrutura inconsciente da sociedade”, por estar sustentada por uma concepção particular de tempo. Por meio da imaginação, a sociedade produz imagens e acredita nelas, uma vez que “todos os grandes projetos da história humana são obras da imaginação, encarnada nos atos dos homens” (Paz, 1991, p. 119).

Bosi fala a este respeito:

Roubada do lugar comum, a palavra nasce atemporal, enfeitada. Fruto da inspiração estética da alma do poeta, torna-se arte. (...) daquelas em que a ruptura



com a percepção cega do presente levou a palavra a escrever o passado mítico, os subterrâneos do sonho ou a imagem do futuro. (BOSI, 2000, p. 227)

O passado configura-se não como uma volta ao que poderia ser chamado de espaço de plenitude, mas uma volta ao que restou dos acontecimentos. Para o poeta, resgatar momentos cintilantes do passado é uma luta pela substância própria da poesia, não é, portanto, uma pura e simples volta ao passado, mas uma contribuição para o presente.

O POETA, SUA ARTE, SUA ÉPOCA

Todo dia é tempo de lembrar Lindolf Bell (1938/1998), o poeta nascido em Timbó, mentor da Catequese Poética, movimento de vanguarda nascido em maio de 1964 que levou poesia para estádios, ruas, escadarias, salas bares e escolas. (FRANCINE, 2005, p. 61)

O auge da convocação de Bell foi na década de 1960, em São Paulo. Junto com o poeta Rubens Jardim, formou um grupo de jovens idealistas. Eles foram às ruas levar a poesia ao povo, convocá-lo. Antes deles, a arte estava restrita à chamada "elite intelectual", como descreve Tonksak (1978, p. 26).

Rubens Jardim conta que Bell foi pioneiro na ação de descentralizar a arte, dizendo poesias nas praças, nos viadutos, nas escadarias e portas de universidades. O contato dele com as pessoas sempre foi de respeito e ternura.

Ele olhava meu filho Thiago, criança, e não o tratava como as crianças são tratadas pela maioria dos adultos. O tratava com dignidade que todo ser humano merece, em qualquer fase da vida. (FRANCINE, 2005, p. 73)

O grupo que transformou os espaços públicos das ruas em palco ganhou reconhecimento por meio da mídia. Mas o elemento gerador, o líder vivia numa humilde pensão.

Das ruas, o movimento partiu para intervenções nas salas de aula com o consentimento de professores de Literatura. A Catequese foi formando núcleos em outros Estados, ligando poetas irmanados. "A Catequese despertava essa coisa maluca, essa possibilidade de qualquer um participar e se voltar ao trabalho poético". (TONKZAK, 1978, p. 12)

Em 1968, o AI 5, ato institucional do governo Costa e Silva, marca a pior fase da Ditadura Militar. Bell viaja com Elke para os Estados Unidos. Enquanto isso, no grupo



originário, houve uma tentativa de incorporar outras mídias: outdoor, display, recursos de propaganda, tudo pipocava lá nos anos de 1960. A vaidade dos jovens acabou corroendo a base da Catequese Poética, que era reunir o povo e falar de sentimentos. Conforme as palavras de Iraci Gentili e Bell:

Fizemos uma espécie de jogral. Ao som de violão, o pessoal discutia questões de incorporar no próprio trabalho alguns elementos diferentes. Chegamos a brincar com poesia concreta, mas essa vertente era seca, árida da alma, um beco sem saída. (FRANCINE, 2005, p. 81)

Bell tinha uma liderança tácita no grupo da Catequese Poética. Era motivo de estímulo. Com a ausência dele, o sentido básico, o encontro do poeta com a comunidade e a essência do movimento se perdeu. O poeta Rubens Jardim relembra da viagem de Bell e comenta:

Isso eu lembro com amargura, o básico, o elementar [...] Eu procuro me desvencilhar dos pequenos sonhos burgueses escritos no tempo. Coisas que constituem o imaginário, eu prefiro sonhar com o básico e atingir este sonho. (FRANCINE, 2005, p. 82)

Através do texto acima, Jardim demonstra o imaginário e centrar-se nos pequenos sonhos, desde que esses sonhos tornem-se realidade. Visto que, no dizer de Bachelard, “A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando as imagens tal como elas se juntam na fantasia”. (2001, p. 116)

Com as providências da viagem de Bell, a frequência das atividades vai diminuindo. Na sua ausência o grupo tinha um recital agendado, era a primeira apresentação sem o líder. Todos os elementos do grupo confirmaram presença, mas apenas Rubens Jardim compareceu. Declamou, vendeu livros e foi triste para casa: “Senti que ali a nossa união havia acabado, Bell era o fio que ligava a todos (...)”. (FRANCINE, 2005, p. 82)

Lindolf Bell, como líder do Movimento Catequese Poética, levou a cultura aos espaços mais inusitados. Conforme a jornalista Neri Pedroso, em uma homenagem ao poeta, diz: “Saudade do Bell, do homem que abrigava o mundo no coração, que amava os girassóis, que via tudo como missão, encarando a palavra como uma dádiva e fazendo dela um instrumento de comunhão e solidariedade” (PEDROSO apud FRANCINE, 2005, p. 62).

O timboense persegue as palavras e aqui parece estar uma chave de interpretação para compreender sua poética: a poesia existe enquanto realização material através das palavras. É a palavra o elemento material que o poeta busca para alcançar seu objetivo artístico, estético e



conceitual. São elas que dão vida à poesia. Os fatos passam, os temas esquecem-se, mudam-se, as palavras ficam, são elas que vão significar. Segundo Cândido,

a experiência não é autêntica em si, mas na medida em que pode ser refeita no universo do verbo. A idéia só existe como palavras, porque só recebe vida, isto é, significado, graças à escolha de uma palavra que a designa e aposição desta na estrutura do poema. O trabalho poético produz uma espécie de volta ou refluxo da palavra sobre a idéia, que então ganha uma segunda natureza, uma segunda inteligibilidade. (CÂNDIDO, 1977, p. 117-118)

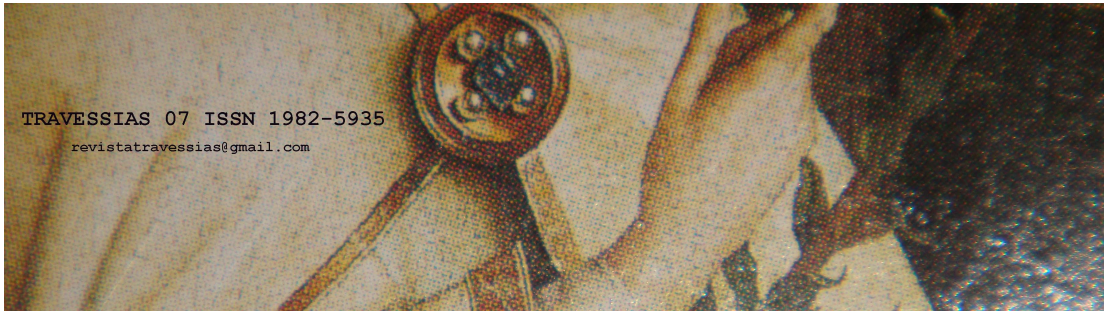
Foi por meio do contato com os livros, a leitura de outros poetas e com seus pais que o poeta catarinense herdou a clareza dos poemas, os quais mesmo sendo produzidos na urbanidade, mantinham elementos da vida agrária. Os pais do poeta eram lavradores, porém, com um grande sentimento e conhecimento de mundo, o que definitivamente ficou enraizado em sua vida e obras.

Conforme Bosi, a lírica moderna – iniciada, na França, por Baudelaire, o poeta das Flores do Mal – é aquela que se mantém lúcida perante a realidade, perante a sociedade, seja qual for o preço da lucidez. Aquela que está presa à vida e denuncia todas as suas iniquidades, todas as suas desigualdades, do ponto de vista político, social e humano, em sentido profundo, sem deixar de ser poesia, sem deixar de ser lírica.

Segundo Cândido há uma “meditação constante e por vezes não menos angustiada sobre a poesia” (1995, p. 134). A busca do poeta por uma ordem, em face da grande desordem que tanto o atormenta, oscila nas imagens do passado e do presente. O poeta busca o passado como tentativa de ordenar a existência através dos seus laços de sangue. Por isso o reconstrói através do fluxo da memória.

Por meio da Catequese Poética, o catarinense Bell realiza uma literatura participante onde as implicações sociais do mundo são por ele testemunhadas e questionadas.

O desejo de transformar o mundo, pois, é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo. E talvez esta perspectiva de redenção simultânea explique a eficácia da poesia social de Drummond, na medida em que ela é um movimento coeso do ser no mundo, não um assunto, mediante o qual um vê o outro. O seu cantar se torna realmente geral porque é, ao mesmo tempo, profundamente particular. (CÂNDIDO, 1995, p. 127)



O poeta, no decorrer de suas obras, pôde dissolver o seu eu e suas implicações sociais, na correnteza da linguagem. Seu retorno à fonte originária das palavras é o deixar-se fluir de sua própria experiência. Segundo Cândido, “nas mãos do poeta o lugar comum se torna revelação, graças à palavra na qual se encarnou” (1995, p. 140). Pelo jogo infinito das palavras é que o homem Bell se orientou. O entendimento do mundo se refez no mesmo sentido em que seus versos foram engendrados. Sua experiência de vida é tecida na experiência da poesia. O ser que permanece é o mesmo que se transforma com os versos. A poesia de Lindolf Bell é toda feita desse encontro de ser e linguagem. Cândido vê todo esse processo como um diálogo progressivo dos estados psíquicos do poeta com a construção de seus versos:

Talvez seja mais importante a transformação das inquietudes, gerando certa serenidade expressa não apenas pelo significado da mensagem, mas pela regularidade crescente da forma, a que o poeta parece tender como fator de equilíbrio na visão do mundo. Entretanto, essa serenidade é também fruto de uma aceitação do nada -, da morte progressiva na existência de cada dia; da dissolução do objeto no ato poético até a negação da própria poesia. (1995, p. 143)

Lindolf Bell é um dos nomes mais representativos da poesia catarinense contemporânea, por isso levantou-se a bandeira “como uma palavra tribal” em prol de sua memória, transformando seu sonho em realidade, buscando cada vez mais fazer com que o “O lugar do poema deve ser onde possa inquietar” (*Os Ciclos*).

O poeta Bell desejava o poema onde pudesse inquietar, em todos os lugares. Por meio de sua Catequese Poética, ainda vivem no presente o lirismo de suas palavras-lâmpada e a potência da voz que impressionou o poeta Paulo Leminski: “Nunca tinha visto ninguém dizer poemas tão bem, com tanta intensidade, tanta garra, tanto domínio da voz, do gesto e do sentido”. (FRANCINE, 2005, p. 82). Esse o legado de Lindolf Bell – um poeta “transitório, todavia infinito” –, conforme o próprio Bell diz no poema “Da Terra”, contido na obra *Vivências Elementares* (1980, p. 03).

A poesia Belliana desenvolve o processo de percepção do passado, mas celebra o refazer-se, a mudança, a transição e o caráter transitório das coisas da e pela palavra. Conforme declara Bergson,

a leitura corrente é um verdadeiro trabalho de adivinhação, nosso espírito colhendo aqui e ali alguns traços característicos e preenchendo todo o intervalo com lembranças-imagens que, projetadas sobre o papel, substituem-



se aos caracteres realmente impressos e nos dão sua ilusão. (BERGSON, 1999, p.117)

A palavra é utilizada para evocar o passado em forma de imagem, para isso o poeta abstrai-se da ação do presente e aprende a dar valor ao cotidiano, pois é preciso querer sonhar.

Para Henri Bergson, o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia catarinense recuperou seu teor legado por Cruz e Souza e passou a sugerir aspectos poéticos novos a partir das poesias de Lindolf Bell. É sabido, portanto, que não adianta ditar normas para o fazer literário, pois elas não restringem o campo de ação do poeta, mas ampliam, posto que, opondo-se a algumas teorias estéticas das vanguardas de 50 e 60, pressupõe a permanência do vínculo entre o poeta e o seu poema.

Exigindo, desta forma, a divulgação direta do poeta com o público, tornando-se um intermediário vivo entre o poema e o seu consumidor, a poesia realimenta-se de suas atribuições originais e desempenho social. Daí o uso de procedimentos que favorecem os efeitos acústicos e o ritmo, como a repetição e a reiteração. O convite à participação do público não se dá somente em nível fônico e visual, mas igualmente, na sugestão contida na matéria tematizada.

Nessa fase combativa da Catequese Poética, Lindolf Bell apregoava numa espécie de manifesto: “O lugar do poema é onde possa inquietar”. Em outra passagem, afirma:

O lugar do poema é todos os meios de comunicação. O lugar do poeta é todos os lugares. O poema não é um fruto petrificado, impossível de trincar. E compete ao poeta, mais do que nunca, mostrar sua possibilidade de consumo. (TONKZAK, 1978, p. 23)

Octavio Paz, ao tratar da poesia como forma de comunicação, ressalta que “A poesia tem vivido com todas as sociedades e tem se servido de todos os meios de comunicação que elas proporcionam [...]” (1993, p. 83). Isso ocorre quando o poeta busca formas e ritmos em consonância com a linguagem. O poeta catarinense, em suas construções poéticas sempre



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

procurou cantar o que estava acontecendo em sua cidade, em seu estado e em seu país, pois sua função era dar forma e fazer visível a vida cotidiana.

Em relação ainda à Catequese Poética, cabe destacar que a forma como Bell a praticava não foi uma forma inovadora, pois se sabe que no decorrer da história da literatura as poesias sempre foram cantadas nos templos e nas praças, nos salões e nas tabernas, nos teatros e nas alcovas. Essa tradição, segundo Octavio Paz, continua viva.

A função da poesia durante os últimos séculos tem sido a de nos lembrar da existência dessas realidades; a função da poesia de amanhã não poderá ser distinta. Sua função não será a de alimentar com idéias o pensamento, e sim lembrá-lo, como agora, o que teimosamente tem esquecido [...]. (PAZ, 1993, p. 144)

Quanto a Bell e sua prática poética, Salim Miguel – também escritor catarinense – diz que o timboense lembrava o poeta soviético Eugene Evtuchenko⁴, da geração dos poetas socialistas. Ambos levavam poesia às ruas, às massas. Lindolf, não só durante a Catequese Poética, mas sempre que viajava mantinha a postura catequética, dizendo seus versos por toda parte.

Viver sendo poeta não é tão doce quanto pode parecer. Lindolf Bell sentiu na pele o desprezo e a incompreensão do seu trabalho. O preconceito social, refletido nos pensamentos de quem o considerava provinciano, mas como todo o poeta, alimentou também dilemas internos. Salim Miguel concorda com tais dificuldades e ressalta:

Já foi dito que escrever é 10% de inspiração e 90% de transpiração. Isso se percebe na poesia de Bell. A espontaneidade da poesia é trabalhada, é resultado de uma luta com a palavra. Elas se harmonizam, se unem a outras para criar aquilo que ele queria transmitir. (FRANCINE, 2005, p. 86)

Em relação ao poeta, Salim Miguel diz que os poemas de Bell eram excelentes e ficavam ainda melhores quando ele os dizia, porque “sabia usar a voz, se colocar. O corpo, o rosto, a expressão dos olhos, os braços abertos. Tudo aquilo funcionava para complementar o que ele estava dizendo. Os estudantes da época simplesmente vibravam!” (MIGUEL apud FRANCINE, 2005, p. 87)

⁴ Eugene Evtuchenko - poeta soviético que relata as visões e anseios de uma geração que, mesmo não tendo visto de perto os horrores da guerra, tem sofrido suas dramáticas consequências; em estilo épico-lírico que lembra o de Vladimir Maiakovski, Evtuchenko polemiza o enfrentamento ao conformismo intelectual e artístico.



Nota-se, portanto, que o diferencial da poesia não está somente nas idéias expressas na mesma, mas quando recitada pelo poeta a marca está em sua voz, em suas atitudes, construindo assim a singularidade da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993 – (Coleção Tópicos)

BELL, Lindolf. MATTOS, Luiz Carlos. JARDIM, Rubens. MÜLLER, Érico Max. SANTANA, Edson R. AGUIAR, Iosito e CARDOSO, Reni. **Antologia da Catequese Poética**. T. Paulista. São Paulo, 1968.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. **Crítica Literária**. Ed. Duas Cidades. Rio de Janeiro, 1977.

DE SOUZA, Silveira, CARDOZO, Flávio José. **Lindolf Bell : estudo bibliográfico, antologia**. Florianópolis: FCC, 1990. 24p. (Escritores catarinenses: "Hoje", n.2)

FRANCINE, Helen. **Quixote Catarinense**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

DURAND, Gilberto. **A Imaginação Simbólica**. . Lisboa: Edições 70, 1995b.

RADÜNZ, Dennis. **Texto originalmente publicado no caderno Variedades do Diário Catarinense**, edições de 19 e 26 de maio de 2008.

TONKZAK, Maria J. **Lindolf Bell e a Catequese Poética**. Florianópolis: Imprensa oficial do estado de Santa Catarina, 1978.

PAZ, Octavio. **Convergências: ensaios sobre arte e literatura**. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PAZ, Octavio. **A Outra Voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

